

Nomeação em Ka'apor: reflexões sobre a tradução em face dos empréstimos do português

Nomination in Ka'apor: reflexions over translation in light of borrowings from the Portuguese language

Raimunda Benedita Cristina Caldas*

Abstract: This study discusses the statute which covers the nomination of speciality terms, in the names of people - the anthroponyms -, and in the names of places - the toponyms - of the Ka'apor language, a language from the Branch VIII, of the Tupi-Guarani Family (RODRIGUES, 1986), in view of the process of borrowing words and names from the Portuguese language by the Ka'apor Language as observed. It considers aspects of interculturality in translating from the Portuguese to the Ka'apor (MATO, 2002) and how the different languages - Portuguese and Ka'apor - are readjusted regarding their linguistic aspects so that the cultural exchanges can be established as well as the cultural interfaces present in several associations verified in Ka'apor communities, as they use names coming from the Portuguese language. It points out the Ka'apor bilingualism relations by means of analysis of the phonetic and morphosyntactic aspects, besides the semantic-pragmatic relations in the scope of the analysis of terms inserted in the Ka'apor language. It follows the principles of Socioterminology (FAULSTICH, 2006) underpinning investigations of social nature in considering the variation of the terms under focus, and studies of Onomastics in referring to individual names of people and places. It also retakes the theoretical basis of Cultural Translation, whose purposes focus on the linguistic exchange of the cultural relation.

Keywords: borrowing; bilingualism; ka'apor and Portuguese; cultural translation.

* Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia. E-mail: criscaldas@ufpa.br

Resumo: Este estudo discute o estatuto da nomeação nos termos de especialidade, nos nomes próprios de pessoa, - os antropônimos -, e nos nomes de lugar - os topônimos - do Ka'apor, língua do Ramo VIII, da Família Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1986), frente ao processo de empréstimos feitos por esta língua de termos e nomes do Português. Considera, na tradução do português para o ka'apor, aspectos da interculturalidade (MATO, 2008) e como as diferentes línguas - português e ka'apor - são reajustadas em seus aspectos linguísticos, a fim de que sejam estabelecidos os intercâmbios culturais, bem como a interface cultural nas diversas associações pelas quais as comunidades de fala do Ka'apor imprimem ao uso de nomes do português. Pontua as relações de bilinguismo dos ka'apor, por meio da análise dos aspectos fonéticos, morfossintáticos, bem como as relações semântico-pragmáticas no âmbito das análises dos termos que ingressam na língua ka'apor. Segue orientações da Socioterminologia (FAULSTICH, 2006), a qual dá suporte tanto às investigações de ordem social quanto às variações dos termos em questão, e de Estudos da Onomástica, no que se refere aos nomes individualizados de pessoa e de lugar, e retoma bases teóricas da Tradução Cultural, cujo propósito incide na relação cultural dos intercâmbios linguísticos.

Palavras-chave: empréstimos; bilinguismo; ka'apor e português; tradução cultural.

Introdução

O *Ka'apor* é uma das oito línguas do ramo VIII da família linguística Tupi-Guarani (RODRIGUES 1985, 1986, 1999), ao lado do *Takunyapé*, *Wayampí* (*Oyampí*), *Wayampipukú*, *Emérillon*, *Amanayé*, *Anambé*, *Turiwára* e *Guajá*, ao qual se associa também a língua *Jo'é* (CABRAL 1996). Os primeiros registros sobre a língua são de Kakumasu (1968, 1976, 1986); Kakumasu & Kakumasu (1988, 1990a), seguindo a descrição de sua classificação com o trabalho de Corrêa da Silva (1997) e com as descrições de aspectos gramaticais de Silva (2001), Caldas (2001), Lopes (2007), Caldas (2009); este último com uma proposta lexicográfica para a língua ka'apor.

Os ka'apor habitam atualmente o noroeste do Maranhão e mantêm uma população com cerca de 1.900 membros, distribuídos em 12 aldeias. Em apenas uma aldeia o ka'apor não é mais a primeira língua, nas demais, a tradição da língua se mantém, desde os mais velhos às crianças. Embora o

contato tenha se estabelecido cerca de 85 a 90 anos, o ka'apor é a língua falada em todas as situações de comunicação nas aldeias. O português como segunda língua - a de contato - é usado por jovens e lideranças que frequentam a cidade quando necessitam de assistência médica ou de apoio das instituições como a FUNAI, Secretarias de Educação, em casos de reivindicações para melhorias nas aldeias, ou de qualquer outra demanda que os afastem das aldeias.

Ainda que a predominância da fala ka'apor seja evidente na maioria das aldeias, há uma preocupação por parte dos mais velhos e das lideranças com a manutenção da língua, fato que proporciona frequentes diálogos no ambiente escolar em busca da inovação lexical em ka'apor.

Os empréstimos do português nessa língua, decorrentes da situação de contato, otimizam a inserção de palavras e, em alguns casos, estimulam a inovação lexical, uma vez que o falante do ka'apor procura compreender e apreender o item lexical que se insere na comunidade de fala. Nesse processo, a nomeação insere no ka'apor, geralmente, um novo item cultural, quer por sua constituição, quer pela função que desempenha.

Considera-se que o item lexical novo, em sua maior parte, seja um artefato que ingressa nessa língua. A adoção do termo artefato decorre de sua natureza como objeto representativo da língua e da cultura. Assim, o artefato é entendido nesta abordagem enquanto "forma individual de cultura material ou produto deliberado da mão de obra humana" (HOUAISS 2010).

Os artefatos culturais vivenciados pelos ka'apor são enriquecidos e, por vezes, substituídos pelos termos novos, oriundos do português. Nessa relação, as diferentes línguas - português e ka'apor - são reajustadas em seus aspectos fonológicos, morfossintáticos e semântico-pragmáticos, a fim de que sejam estabelecidos os intercâmbios culturais. A base teórica para o suporte dessa relação diz respeito à colaboração intercultural apontada por Mato (2008), a partir da qual torna mais transparente a percepção do papel da tradução nas línguas envolvidas em processos de contato. A alusão do autor a respeito dessa concepção aponta que (MATO 2008: 113)

Desde mi punto de vista, los problemas más difíciles de resolver para desarrollar formas y experiencias específicas de colaboración intercultural son los "de traducción". Con esta palabra no aludo tan sólo a los problemas de traducción de palabras e ideas de una lengua a otra, sino a los de visiones de mundo, sensibilidades y sentido, son problemas de comunicación intercultural, sobre los cuales debemos trabajar con cuidado en cada caso y contexto.

A apresentação do material lexical sobre os empréstimos do português proposta neste estudo levanta os itens lexicais referentes à nomeação de artefatos culturais, nomes de lugares e de pessoas, bem como léxicos, que, incorporados pelos ka'apor que falam o português, são traduzidos pela parcela desses usuários bilíngues aos que apresentam um menor ou quase nenhum grau de bilinguismo. As categorias de nomes - antropônimos, topônimos e termos - seguem análises e discussões que refletem os intercâmbios entre as diferentes culturas e apontam o reconhecimento de que certos termos também percorreram o caminho inverso: do tupi ao português e, por sua vez, foram reajustados em, pelo menos, algum nível da língua ka'apor.

1. Empréstimos em ka'apor

O levantamento de dados sobre os empréstimos do ka'apor conta com as anotações de uma pesquisa de campo iniciada em 2000, período da elaboração de duas dissertações de mestrado da Universidade Federal do Pará (UFPA): a de Silva (2001) e a de Caldas (2001), as quais investigam aspectos gramaticais dessa língua. O trabalho de campo estende-se até o presente momento, pois o levantamento de dados para a elaboração de "Uma proposta de dicionário para a língua ka'apor", tese defendida por Caldas (2009), assim como o acompanhamento linguístico desta autora nas atividades de educação básica dos ka'apor, firmado desde 2011 - o Projeto *Ka'a namõ jumu'eha katu* 'Aprendendo com a floresta'¹, possibilitaram que o léxico da língua fosse

¹ Este projeto está em sua fase de execução a partir do início de setembro. Foi organizado pelos ka'apor, sob as orientações do pedagogo e antropólogo José Andrade, com o apoio da

observado mais de perto e, por sua vez, esse estudo apontou um número significativo de empréstimos do português na língua ka'apor.

A coleta de dados conta com as informações de falantes de todas as faixas etárias e se renova nas situações de intercâmbios culturais, dada a frequência de reconhecimento do léxico da língua nas discussões sobre o ensino do ka'apor e do português, servindo de base para as investigações linguísticas feitas pelos professores das duas línguas.

O contato entre duas culturas tão diversas e, por sua vez, de línguas distintas, localiza o empréstimo no âmbito da língua minoritária: o ka'apor na situação de incorporar um número significativo de artefatos oriundos da língua majoritária: o português. Este quadro pressupõe que os elementos novos não teriam equivalências formais e de conteúdo na língua que os emprestou. Assim, a caracterização do empréstimo linguístico é atribuída por Dubois (2000: 209)

Quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo. O empréstimo é o fenômeno sócio-lingüístico mais importante entre todos os contatos de línguas.

Trabalhos que tratam de empréstimos do português em línguas indígenas apontam especificidades quanto ao processo, considerando-se que as diferentes situações das línguas em questão mostram que esses empréstimos estão condicionados aos diferentes graus de bilinguismo. Para Braggio (2010) os empréstimos que passam pelo filtro da língua apresentam um grau de bilinguismo avançado, contudo a língua nativa é a base para a entrada de novos termos.

Nessa acepção, o 'elemento novo' motiva a adoção do empréstimo linguístico e, percorrendo a natureza de sua trajetória, também recebe condições para ingressar em dada língua. Esse fato caracteriza as associações

Secretaria de Estado de Educação do Maranhão, do Conselho de Educação Escolar Indigenista do Maranhão e Ministério da Educação.

e adaptações morfossintáticas decorrentes, por exemplo, da derivação em ka'apor, como em *ko*, 'copo' em tamanho pequeno, que recebe a denominação de *kora'yr* (*ko*- 'copo'- português + *-ra'yr* 'pequeno' - ka'apor). Do ponto de vista fonológico o ajuste ocorreu quanto à marcação do acento, havendo supressão da sílaba átona final *-po* de 'copo', já que a marcação acentual na língua ka'apor é oxítona; do ponto de vista morfológico, um nome do português recebeu afixo do ka'apor. Do mesmo modo, citamos *paratupe* 'prato' + *-pe*, do ka'apor = instrumento 'feito de' e *paraty* ~ *paratu* 'forno' (no formato de prato), léxicos combinados com um nome emprestado do português 'prato', porém adaptados ao sistema morfofonológico do ka'apor. Nesta língua, o grupo consonantal 'pr', estranho ao sistema, se desfaz, seguindo o padrão CV e, então, uma vogal ocupa o centro de sílaba 'pa'.

A confirmação de reconhecimento do que é estranho à língua reafirma sua soberania (Carvalho 1989:26). Desse modo, os empréstimos do português em ka'apor dispõem, enquanto fator de inovação lexical, no sistema fonológico, a substituição de segmentos não existentes na língua de chegada (alvo) por outros existentes nela (de origem). O ka'apor repertoria uma série de léxicos por empréstimos referentes a objetos usados na culinária, na indumentária, nos artefatos tecnológicos e na medicina, os quais, inseridos na linguagem de especialidade, intercambiam termos do português reajustados no plano fonético e, em alguns casos, mesclados a afixos do ka'apor, formando novos itens lexicais. O plano de composição desses termos apresenta, sobretudo, a referida soberania da língua no que respeita à estruturação e manutenção das características morfofonológicas oriundas do ka'apor.

Artefatos culturais do português costumam ingressar na língua ka'apor, desde que ajustados, inicialmente, pelos fones presentes nessa língua. No inventário fonético-fonológico do ka'apor, a ausência de sons do português conduz a adaptações de sons de ponto de articulação mais próximo. Desse modo, os ajustes feitos nos nomes dispõem de regras que garantem a fonotática da língua ka'apor, conforme as descrições apresentadas a seguir,

as quais mostram algumas adaptações dos sons, de acordo com as caracterizações seguintes.

1.1 Empréstimos de termos do português

Os primeiros registros sobre o léxico da língua ka'apor (KAKUMASU & KAKUMASU 1988, 1990a) já apresentam um número significativo de empréstimos do português. Nas situações de fala, os termos do português - léxicos que compõe a cultura do *karaí* ('não índio') - fazem parte da construção lexical na língua ka'apor e inventariam os objetos de mobília, alimentos e utensílios já disponíveis no uso do ka'apor. A partir desse dado, situamos a colaboração intercultural indicado por Mato (2008) no que refere ao inventário de bens materiais e imateriais que se acumularam durante o processo de contato. A convivência com tais artefatos oriundos da cultura *karaí* suscita familiaridade e contextualização dos fazeres provenientes do intercâmbio estabelecido entre as línguas. Nesse sentido, o mundo de referência ka'apor se amplia diante de novas possibilidades, inclusive pelo fato de dar vazão à criação de novos itens lexicais na língua, os quais possam concorrer com os termos do português ou fazer frente ao domínio de conceitos experienciados com o léxico do português e que são traduzidos pelos falantes ka'apor, como é o caso do termo 'organização' que foi traduzido pelos ka'apor como *johu katu har*.

A) Intercâmbios no aspecto fonético-fonológico:

No campo dos intercâmbios entre sons de línguas bastante diferentes quanto aos inventários dos segmentos, bem como de sua pauta suprasegmental, é possível identificar a acomodação do empréstimo frente aos ajustes de sons inexistentes pelos sons mais próximos do ponto de articulação da língua ka'apor, conforme se pode constatar:

pontos de articulação dos sons ² :		Português	Ka'apor
Alveolares		[l] e [t]	ka'apor [r]
a)	[l] do português pelo [r]	panela lamparina	[pa'ner] [rapa'rĩ]
	A vela é similar à lamparina, por isso recebe o sufixo <i>-ran</i> .	vela	[rapari'rã]
b)	[r] também substitui [t]	lata	[rar]
Troca da alveolar; enfraquecimento da alveopalatal		[l] e [ʒ]	[r] e [j]
c)	[l] torna-se [r] e [ʒ] enfraquece em [j]	luz	[ruj]
Nasalização; enfraquecimento de alveopalatais		[l] e [ʒ]	[n] e [j]
d)	[l] torna-se nasal [n] e [ʒ] enfraquece em [j]	laranja	[na'rãj]
Nasalização de [b]; troca da alveolar [l] → [r]		[b] e [l]	[m] e [r]
e)	[b] torna-se nasal [m] e [l] torna-se [r]	bola	[mo'mor]
Nasalização; enfraquecimento de alveopalatais		[b] e [ʒ]/[ʃ]	[m] e [j]
f)	[b] é nasalizado → [m] e [ʃ] enfraquece em [j]	bolacha	[mu'raj]

Há um caso de empréstimo arrolado na listagem de artefatos culturais, com o mesmo ambiente descrito no exemplo acima, contudo, parece tratar-se de uma trajetória bastante comum na relação de contato das línguas do tronco tupi com o português, o léxico sai do tupi como empréstimo, ingressa no português e retorna ao tupi com o ajuste compatível ao sistema fonotático

² A representação em transcrição fonética segue com as seguintes adaptações de símbolos: [ʒ] para o primeiro som da palavra 'geleia'; [ʃ] para o primeiro som da palavra 'chuva' e [r] representa o tepe, pois nessa língua o [r] não é vibrante.

da língua que o recebe. Nessa itinerância, o termo 'beiju' adapta-se ao ka'apor como '*meiju*', conforme a representação a seguir:

Nasalização; enfraquecimento de alveopalatais		[b] e [ʒ]/[ʃ]	[m] e [j]
g)	[b] é nasalizado → [m] e [ʒ] enfraquece em [j]	beiju	[me'ju]
Nasalização de [b] e [d]; troca da alveolar [l] → [r]		[b]; [l] e [d]	[m]; [r] e [n]
h)	[b] e [d] tornam-se nasais [m] e [n]; [l] → [r]	baladeira	[mar'ane]
Troca da linguodental [f] e alveopalatal [ʃ] → [s]		[f]	[s]
i)	[f] tornou-se alveolar [s]	café	[ka'se]
j)	[ʃ] tornou-se alveolar [s]	chapéu	[sa'pe]

Os intercâmbios dos termos do português para o ka'apor, mencionados nesta seção, seguem um percurso de adaptação fonológica, contudo, preservando a nomeação do português. Os termos, oriundos da cultura do português para o ka'apor, somam-se aos demais artefatos presentes na língua ka'apor, configurando o acervo desta língua. Nessas situações, o termo que ingressa no ka'apor passa do exótico ao comum.

B) Intercâmbios de ordem semântica: nomeação distinta

Do mesmo modo que a inserção de termos do português faz sua comodidade no ka'apor, os falantes desta língua também produzem, por meio da criação lexical, associações de ordem metafórica, como acontece na nomeação de termos como: lâmpada, que no ka'apor é *kurukwa ryru*, (*kurukwa* = garganta + *ryru* = bolsa, saco). Nesse caso, a criação do nome é devido ao formato de saco, observado na lâmpada; para violão: *ararape py'a soro* (*arara+pe* = da arara *py'a* = entranhas *soro* = para fora) em observância à criação lexical "o som sai das entranhas da arara"; a nomeação para avião é

jarusu pypo (*jarusu* = canoa grande + *pypo* 'asa'), em tradução "a canoa de asas".

Alguns nomes do português, quando traduzidos em ka'apor, recebem nomeação motivada por questões que transitam da ordem fonética à semântica, podendo, nesses casos, relacionar-se a aspectos metafóricos de diversas ordens, como à aparência ou à função do artefato, conforme se observa em:

Intercâmbios dos nomes	Português	Ka'apor
a reduplicação de <i>mu</i> parece referir-se ao ato de comer em movimentos repetidos	pirulito	mumu
há semelhança com o movimento da jacinta	helicóptero	tamoĩ
O acender e apagar da luz lembra o vagalume	lanterna	u'ã

Os exemplos mencionados, bem como outros artefatos que fazem parte do uso dos ka'apor, convivem em situação de concorrência. É possível para o falante usar [piruri] 'piruri'³, [eri'ko] 'ericó' e [rãite] 'rãté' para pirulito, helicóptero e lanterna, respectivamente.

O empréstimo do português nessa situação representa uma ameaça à língua ka'apor diante das possibilidades de inovação lexical que o povo imprime ao perceber o artefato novo. Por exemplo, há discussões entre os falantes a respeito do uso do termo 'terevisã' para televisão, pois os falantes que se preocupam com a manutenção da língua advertem sobre a possibilidade de usar o termo *awa sakaha* como tradução, o que na língua ka'apor é depreendido como *awa* = gente e *sakaha* (*saka* = parecer + *-ha* = nominalizador) 'o que parece com gente'.

Nas atividades escolares também concorrem inquietações sobre outros termos do português, como é o caso de *paper*, empréstimo do português 'papel'. Para os professores ka'apor, *paper* deve ser substituído por *myra pirer jumu'eha renda pehar*: 'o papel usado na escola'. Nessas circunstâncias

³ Nesta análise, ao lado da transcrição fonética, segue a transcrição grafemática.

são evidentes as investidas sobre a inovação lexical na língua ka'apor a fim de conter o avanço dos empréstimos do português. Do mesmo modo, consideramos que a investida com os neologismos, por meio da criação lexical, é confirmada em outros povos indígenas como, por exemplo, com a influência da formação de professores indígenas nas escolas, ocorrem estímulos por parte desses indígenas em conservar a língua com expressões que representem tais inovações no campo semântico, como é o caso da língua Yanomae, descrita por Gómez (2000).

Tomamos por base a orientação socioterminológica que considera as variantes terminológicas em concorrentes, co-ocorrentes e competitivas para discutir o estatuto dos empréstimos do português na língua ka'apor e, desse modo, pode-se acompanhar os diferentes movimentos dos empréstimos nas línguas, de Faulstich (2006: 30)

Na categoria das co-ocorrentes, inserem-se os sinônimos, e na de variantes competitivas estão inclusos os empréstimos em relação a formas vernaculares, a um termo híbrido, a um termo decalcado ou mesmo a um outro estrangeirismo propriamente dito. Esta classificação de ordem sistêmica não impossibilita que os tipos apareçam combinados entre si.

1.2 Nomes próprios de lugares: Topônimos

Os nomes próprios representam, em dada cultura, o destaque, a individualização para que se possa reconhecer um ser ou um espaço em particular. A natureza de nomear, aqui discutida, leva em conta que o contato entre línguas, em situações de bilinguismo, encaminha a percepção do homem no mundo de modo a transitar entre os referenciais culturais envolvidos em questão. O reconhecimento do espaço pode indicar ou uma referência a alguém que ocupou esse espaço, como Zé Gurupi, que, convertido em sons da língua k'apor, é chamado [se guru'pi], ou uma denominação que denote o tempo da ocupação do espaço, como é o caso de Sítio Novo, nome do português.

1.2.1 Intercâmbios no aspecto fonético-fonológico

O mesmo procedimento usado para efetivar os termos do português como empréstimos no ka'apor são válidos para os topônimos. Logo, a ausência dos sons [l], [z], bem como a nasalização das oclusivas constituem os nomes:

Nomes de cidades e lugares			
pontos de articulação dos sons:		Português	Ka'apor
a)	[z] do português por [s] e [l] do português pelo [r]	Santa Luzia	[satã ru'si]
		São Luiz	[sã ru'i]
b)	[z] do português por [s] e [d] nasaliza-se em [n]	Zé Doca	[se no]
c)	[b] torna-se nasal e [l] → [r]	Belém	[me'rêj]

1.2.2 Ajustes de formação morfossintática

No campo morfossintático, há formação de nomes com bases de origem tupi e sufixos do português. As bases do tupi, antes de receberem os sufixos, são reajustadas fonologicamente ao português. Do ka'apor *pakuri*, *ηurupi*, *myra* são adaptados ao português na designação dos seguintes lugares de moradia dos ka'apor: Gurupinho, Bacurizeiro, Capitão Mirá e Turizinho.

Nomes de aldeias	Formação morfossintática ⁴
Gurupizinho	Gurupi (base do tupi) + -zinho (sufixo do português)
Bacurizeiro	Bacuri (base do tupi) + zeiro (sufixo do português)
Capitão Mirá	Capitão (base do português) + Myrá (ka'apor = árvore)
Turizinho	Turi (tupi) + zinho (sufixo do português)

⁴ Nessa análise, não são considerados os ajustes fonético-fonológicos já ocorridos com as bases dessas palavras em ka'apor.

1.3 Nomes próprios de pessoas: os antropônimos

A antroponímia assegura um campo de estudo profícuo na relação do homem com o mundo e sua inter-relação com o próprio homem. É inerente a capacidade de nomear, o que legitima nos intercâmbios como cada ser humano denomina e como é nomeado. Nas designações dadas às etnias indígenas, em particular, podemos perceber que o reconhecimento do homem decorre do modo como quem denomina o faz. Na compreensão desse fato, podemos nos basear em Geertz, (1997:106), conforme a citação

Da mesma forma, quando um etnógrafo de significados e símbolos como eu tenta descobrir o que é uma pessoa na visão de algum grupo de nativos, ele vai e vem entre duas perguntas que faz a si mesmo: "como é a sua maneira de viver, de um modo geral?" e "quais são precisamente os veículos através dos quais esta maneira de viver se manifesta?" chegando ao fim de uma espiral semelhante com a noção de que eles consideram o eu como uma composição, uma persona, ou um ponto em uma estrutura.

Há investigações que se propõem a observar os estigmas de certas nomeações, seja do grupo indígena, seja do indivíduo. O nomear é uma atividade experienciada por quem nomeia.

Os *ka'apor*, por exemplo, são conhecidos na literatura como *urubu*, contudo, a percepção de mundo que esse grupo faz, depois de um significativo processo de contato, é a de não aceitação da designação *urubu*, uma vez que na cultura *karaí*, em português, o nome é estigmatizado, denota uma apreciação negativa que incidiria sobre o povo, fator que os conduziu a preferirem ser chamados de *ka'apor*.

Embora o reconhecimento da etnia se faça presente no grupo, há a necessidade de reconhecimento individual por meio do nome. Para Fiorin (2007), as motivações históricas são preponderantes no ato de nomear pessoas em nossa sociedade. Desde o desejo de nomear para homenagear um não índio, um kamará, até a vulgarização de um nome próprio do português pode ser decisiva para a escolha na nomeação *ka'apor*.

1.3.1 Ajustes fonético-fonológicos dos antropônimos

As regras de ajustes fonético-fonológicos anteriormente explicadas também se aplicam aos nomes próprios de lugares e de pessoas. Nesses nomes, as adaptações fonéticas podem ser representadas nos seguintes quadros:

pontos de articulação dos sons:	Português	Ka'apor
Troca do [z] pelo [s] e enfraquecimento de [ʒ] por [j]; preservação apenas das sílabas tônicas finais	José Pantoja	[sapatɔj]
troca do [tʃ] pelo [ʃ]; queda da sílaba átona final	Quintino	[ki'sĩ]
nasalização da oclusiva	Waldemar	[ane'ma]
troca de [ʒ] por [h] e preservação na sílaba tônica final	Geraldo	[hera]
troca de [l] por [r] e redução do ditongo -ão	Salomão	[saromã]

Os nomes próprios do português mencionados surgem das relações de convívio e admiração de pessoas que foram homenageadas. As pessoas ka'apor que receberam nomes próprios do português carregam o vínculo das relações estabelecidas entre as duas culturas. De certo modo, há na nomeação um indício da receptividade da cultura do português para com indivíduos apreciados em suas condutas e em seus tratos com os ka'apor.

1.3.2 Ajustes morfossintáticos dos antropônimos

Assim, a partir dessa nomeação, também foram formados nomes com bases do português e sufixos do ka'apor ou um nome composto formado por um nome em português seguido de um nome em ka'apor, como em:

Nomes de pessoas	Formação morfossintática
<i>Kixĩran</i>	Quintino (português) + sufixo -ran (ka'apor)
Samuel <i>Myraran</i>	Samuel (português) e Myraran 'similar a Myra' (ka'apor)

Nos exemplos do quadro anterior, a nomeação indica *Kixĩran* como o similar, o que não é o verdadeiro Quintino. Enquanto que Samuel *Myraran* recebe o nome Samuel do português, contudo homenageia *Myra*, uma liderança ka'apor, e o que é nomeado é similar, lembra *Myra*, por isso recebe o sufixo *-ran*.

Os exemplos apontados de empréstimos de nomes próprios do português revelam que, mesmo que esses nomes façam parte do uso e da dinâmica do viver ka'apor, a forte tendência sustentada pela manutenção da língua é estimular a nomeação a partir da cultura ka'apor. Nesse particular, os nomes próprios de pessoas costumam ser associados aos elementos da fauna e da flora e, em destaque, aos aspectos mais particularizados observáveis nos indivíduos como, por exemplo, a criança que possui pelos nas costas foi denominada *Xuperá* (kupe 'costas' + rá 'pelo') 'as costas dele têm pelo'.

Embora a maioria dos ka'apor tenha recebido nome de batismo na própria cultura e se reconheça com nomes na própria língua, os nomes por empréstimo do português podem ser usados ao lado dos nomes ka'apor, por exemplo, Anema, ka'apor, é *Wyrapytang*, 'pau brasil', nos discursos mais particulares na aldeia, Osmar Ka'apor é *Ma'eywa Rixã* (*ma'eywa* = fruta + *rixã* (um ancestral foi *Ma'eywa*, logo *rixã* parece apresentar no ka'apor o mesmo estatuto de júnior, filho, neto, no português) .

1.4 Termo ou palavra: a recepção e a perspectiva do novo

O uso de termos, palavras ou estruturas de uma língua na outra corresponde a estratégias comunicativas usadas por falantes bilíngues em momentos de interação, mediante situações que só podem ser descritas com tais elementos de uma única língua. Assim, o uso de palavras do português para expressar conceitos inexistentes ou novos em ka'apor é comum e traduz o conceito que o falante quer expressar. Por exemplo, um ka'apor, com certo grau de bilinguismo, usa a frase "*Ma'e imoralidade ke*". O falante, ao

selecionar a palavra 'imoralidade' do português em estrutura ka'apor, leva em conta o contexto no qual é imoral urinar em frente a outras pessoas⁵.

Em certo sentido, se relacionássemos o uso de estruturas e palavras de uma língua na outra, poder-se-ia atribuir o uso da palavra em português à questão de alternância de código, *codeswitching*. No entanto, esse conceito, carregado pelo léxico do português, traduz exatamente o conceito que o falante quer expressar, fato que acarreta o uso do empréstimo. O uso representa um acréscimo de informação relacionado à conduta reprovável na cultura *karaí*, e a tradução para o ka'apor poderia não fazer sentido se tal atitude ou postura não fosse experienciada em situações fora do contato com o português. Além disso, o uso de empréstimos não se restringe a situações de comunicação entre bilíngues, uma vez que entre monolíngues o uso de empréstimos também ocorre. É pertinente reconhecer que itens lexicais são incorporados ao longo das relações de contato e, nesse percurso, certas informações são transitáveis sem que se questione a origem do termo.

Levar em conta a tradução cultural na relação de bilinguismo significa entender que a relação da língua não se desassocia das intervenções culturais. Para que se possa perceber o estatuto do empréstimo é importante levar em conta que traduções convivem com esse fenômeno. Dificilmente haveria uma correspondência total que pudesse ser coberta entre línguas em contato. Para Sobral (2008:126)

[...] traduzir é criar efeitos de sentido vindos de uma língua em outra língua. Isso nos afasta do lexical estrito como o nível fundamental da tradução, porque fazer isso, principalmente num mundo globalizado, implica cada vez mais usar outras (e novas) palavras para dizer "quase a mesma coisa", já que - para lembrar Umberto Eco e George Orwell numa mesma frase - há coisas que são mais quase do que outras, e principalmente porque traduzir é sempre dizer, lembrando Mona Baker, "em outras palavras", ou como prefiro, traduzir é sempre dizer o "mesmo" a outros.

⁵ Nesse contexto, o interlocutor afasta-se para urinar, mas ainda está à vista de mulheres e crianças.

Com base nessa abordagem, ainda que possa criar itens lexicais para evitar o fluxo de empréstimos de uma língua na outra, é possível verificar que fatores interculturais também são transitáveis na língua que empresta.

2. Empréstimos: implicações do bilinguismo

Referendar a relação entre língua e cultura no processo da tradução transpõe o nível de significação proposto no dicionário ou, mais precisamente, a associação do significado ao objeto do mundo ao qual a palavra se refere ou simplesmente a descrição das propriedades desse objeto, para o nível dos sentidos culturalmente construídos pela visão do mundo do ser ou do seu eu. (AGRA, 2007) Nesse sentido, quando duas culturas se cruzam, há que se observar em muitas situações de bilinguismo o fato de palavras de uma língua não traduzirem exatamente conceitos de outra língua, acarretando a multiplicidade de empréstimos e de alternâncias.

Diante das discussões acerca das relações estabelecidas pelos falantes do ka'apor, devemos atentar às questões de equivalência da tradução (BARBOSA, P. Faulhaber. (www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v3n1/v3n1))

As questões ligadas à tradução de conceitos nativos resumem-se, assim, na impossibilidade de uma equivalência completa entre o conjunto dos códigos de duas culturas diferentes. A tradução consiste em uma tentativa de decifração do sentido através da procura de aproximações entre várias esferas de intimidade - análoga ao trabalho do xamã em diferentes situações rituais, como os ritos de cura de seu paciente ou de conversação com os espíritos. Implica também a formulação de uma nova maneira de correlacionar os códigos culturais em redes de associações, em termos de manejar, na medida do possível, as correspondências entre lógicas diferentes, buscando harmonizar os diferentes modos de pensamento.

Os empréstimos de termos do português para o ka'apor conduzem formas, conceitos, inovações que se situam em diferentes campos. Imaginemos, por exemplo, até que ponto se pode atribuir um conceito novo

para 'boneca', do português. Quando a boneca é material, o ka'apor nomeia nessa língua como *ta'yn ra'yr ngã upa* (a criancinha que a alma acabou), porém na acepção figurativa de pessoa adulta vista como boneca, segue o empréstimo do português *moneca*, ajustada pela nasal [m], já que a língua na possui o fonema [b].

3. Considerações

A relação estabelecida entre uma língua oficial como o português, em um território que abriga muitas línguas, falantes e culturas em contato, com as línguas minoritárias, conduz a processos de empréstimos bem diversificados. Em alguns casos, os empréstimos são percebidos pelos falantes como ameaça, principalmente por se levar em conta que a relação de submissão das línguas no território brasileiro ao português é muito evidente⁶. Em especial, a análise dos empréstimos do português no ka'apor representa conflito e convívio.

É confortável pensarmos que a relação dos empréstimos nas línguas faz parte da dinâmica das relações humanas. Do mesmo modo, o reconhecimento do léxico estranho - o empréstimo - aponta para a relação de dominação de uma língua sobre outra. Observadas as análises e os reajustes linguísticos imprimidos pelos ka'apor, percebemos que a interculturalidade nas relações de tradução diz muito sobre esse povo, sobre o desejo de manter a língua e sobre sua capacidade de transitar em outra cultura, sem que deixe de reconhecer sua identidade.

A trajetória e o acompanhamento desse processo de empréstimos no âmbito da nomeação ainda suscitam certos cuidados, principalmente por se reconhecer que a cultura do povo da Amazônia mescla o empréstimo nas duas vertentes: o empréstimo do tupi no português e no sentido oposto - do

⁶ Basta lembrarmos-nos de um fato bastante elucidativo na composição desse cenário. O professor Aryon Rodrigues sugeriu que o nome Museu da Língua Portuguesa, espaço de referência para o conhecimento da Língua Portuguesa, fosse Museu das Línguas no Brasil. A apresentação desse espaço confirma o quanto empréstimos, criação lexical e neologismos envolvem as diferentes culturas presentes no território brasileiro.

português ao tupi. Os termos relativos ao cenário natural foram nomeados pelos indígenas, contudo estão presentes no inventário da língua oficial, mencionados parcialmente nos registros do português, porém experienciados por todos que fazem uso de uma língua como o português, que construiu sua história com os termos de origem tupi.

Termos e nomes próprios transitam nessa discussão e, portanto, vistos em seus étimos precisam de uma análise que privilegie a compreensão do que representa um empréstimo em uma língua, bem como a que apertes tais termos ancoram nos intercâmbios culturais as experiências de mundo dos falantes. O ka'apor, assim como a maioria das línguas indígenas, sucumbe com o empréstimo direto, contudo se mantém com o propósito de incorporar tais empréstimos às acomodações morfossintáticas dessa língua, o que favorece o domínio sobre a língua ka'apor, do mesmo modo, o propósito de discutir sobre as possibilidades de revertê-los em inovações lexicais também aponta para o reconhecimento da identidade desse povo.

4. Referências bibliográficas

- AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. A integração da língua e da cultura no processo de tradução, 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>
- BARBOSA, P. Faulhaber. Etnografia e Tradução Cultural em Antropologia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v3n1/v3n1a02.pdf>>
- BRAGGIO, S.L.B. Reflexões sobre os empréstimos do tipo *loanblend* e direto na língua *xerente akwén*, *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, 2010, p. 87-100, jan./jun.
- CABRAL, Ana Suelly A. C., Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. *Moara*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras 4, p. 47-76. Belém: UFPA, 1996.
- CÂMARA JR., J. Mattoso, *Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa*, Petrópolis/RJ, Vozes, 1998.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1989.

- CORRÊA DA SILVA, Beatriz C. *Urubu-Ka'apor - da Gramática à História: a trajetória de um povo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1997, pp.119.
- DUBOIS, Jean et all. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 2000.
- FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Cienc. Cult.* v.58 n.2 São Paulo abr./jun, 2006.
- FIORIN, J.L. A dinâmica dos sobrenomes. *Revista Língua Portuguesa*. Ano II. Número 20, 2007, (p.36-37).
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GÓMEZ, Gale Goodwin. Empréstimos do português e neologismos em *Yanomae*. *Signótica*, 2002, 14: 61-74.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*, 2010.
- LOPES, Mário Alexandre G. *Aspectos Gramaticais da Língua Ka'apor*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- KAKUMASU, J. *Urubú-Ka'apor*. In Derbyshire, D. C. and Pullum G. K. (eds.), *Handbook of Amazonian Languages*, v. I, p.326-403. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1986.
- _____. *Gramática Gerativa Preliminar da Língua Urubu*. Summer Institute of Linguistics, 1976.
- _____. *Urubu-Ka'apor Sign Language*. *International Journal of American Linguistics*. SIL, 1968, 34:275-81.
- KAKUMASU, James; KAKUMASU, K. *Dicionário por Tópicos Urubu-Ka'apor-Português*. Brasília: Summer Institute of Linguistics/Fundação Nacional do Índio, 1988.
- _____. *Karai Ta Namõ Mukatuha Rehe Har: a Pacificação dos Urubú-Ka'apor*. Belém: SIL/Fundação Nacional do Índio, 1990a.
- MATO, Daniel. *No hay saber "universal", la colaboración intercultural es imprescindible*. *Alteridades*. 18 (35), 2008, pp. 101-116.

CALDAS, R. B. C - Nomeação em Ka'apor: reflexões sobre a tradução em face dos empréstimos do português

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985, p. 27/28: 33-53.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. Tupí. In: *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 107-124.

SOBRAL, Adail. *Dizer o 'Mesmo' a Outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: *Special Book Services* Livraria, 2008.